

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**DISCURSIVIZAÇÕES SOBRE AYRTON SENNA:
O ACIRRAMENTO DA BRASILIDADE**

João de Deus Leite
joaodedeusleite@hotmail.com
Mestrando
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

1 Considerações iniciais

As reflexões que apresentaremos neste texto, com base na filiação teórica no campo da Análise de Discurso Francesa (de Michel Pêcheux), diz respeito aos apontamentos teórico-analíticos que venho construindo para minha dissertação de mestrado. Trata-se de um percurso acadêmico que se orienta em discussões referentes aos *efeitos de sentido* produzidos pelo funcionamento de dizeres jornalísticos textualizados sobre Ayrton Senna.

Nesse sentido, versaremos, ao longo do texto, sobre questões discursivas que apontam para a estabilização de sentidos sobre o tema da *brasilidade*. No caso, levando em conta a especificidade da *materialidade discursiva* por nós recortada, poderemos observar a discursivização produzida acerca da *invencibilidade de Senna* nas corridas automobilísticas, via *relações de adjetivações* e de *adverbializações*. Essas relações, por sua vez, estão fortemente perpassadas pela (re)organização de memórias, cujo funcionamento produz uma imagem de *brasileiro ideal* sobre Senna.

O material mobilizado para análise diz respeito a textos que foram selecionados, em sua maioria, da Revista Veja e ao material assinado pela jornalista Marleine Cohen, no ano de 2006, cuja publicação foi editada pela Editora Globo. De posse desse material, elaboramos a seguinte pergunta de trabalho: Levando em conta a prevalência do imaginário em tais textos, como a representação subjetiva sobre Ayrton Senna é produzida? Esse questionamento tem implicações decisivas para a construção da nossa hipótese que está estruturada, textualmente, desta maneira: *Com base nos textos em análise, a atividade jornalística que diz respeito a Ayrton Senna promove um efeito de homogeneização identitária sobre a subjetividade de Senna, acirrando, neste caso específico, certo*

ideal de ego nacional construído pela imagem de piloto invencível. Assim, propomo-nos como objetivos: problematizar os possíveis aspectos do efeito de homogeneização sobre a subjetividade de Senna e analisar o efeito produzido pelos dizeres midiáticos na estabilização de sentidos sobre a “nossa” brasilidade. Trata-se, portanto, da (re)construção de dizeres que apontam para a estabilização de “traços identificatórios de um ideal de ego nacional” (Cf. SOUZA, 1994). No caso do Brasil, notaremos que esses traços se basearam na (re)formulação de características psicológicas ou físicas sobre o brasileiro, segundo os efeitos da orientação histórica. Vejamos, por conseguinte, na seção próxima seção, aspectos da tessitura da “nossa” brasilidade, co-relacionados com as noções de identidade nacional e de (re)invenção da nação.

2 A (re)invenção da brasilidade

As variadas elaborações simbólicas sobre a *questão nacional* fundam e sustentam o ideário da noção de *identidade nacional*, a qual encontra especificação por meio da (re)construção de características com demarcação coletiva.

Sendo assim, essa noção concerne aos diferentes modos de constituição de subjetividades que as culturas (re)produzem, conforme a (im)possibilidade da tessitura da linguagem. Portanto, trata-se de uma noção baseada na referência ao dizer, com implicações estabelecidas pela formulação histórica, e não na referência ao ser (Cf. SOUZA, 1994). Aqui, o termo identidade remete a uma ilusão necessária de subjetividade, sendo essa ilusão tomada como condição de emergência de traços ou de aspectos deflagradores do sujeito ou do sentido. Por isso, a dispersão constitutiva ao sujeito e ao sentido assume um determinado papel em que o funcionamento da ilusão de unidade se sobrepõe a ela, de modo a encobri-la via manifestação de um *efeito* sem respaldo empírico. A partir da perspectiva de que a linguagem não pode significar-se a si mesmo (isto é, A não pode ser igual a A), notamos que a linguagem em vez de produzir uma unidade produz, na verdade, possíveis facetas referentes ao sujeito e ao sentido.

Levando em conta as referidas observações, percebemos que os critérios delineadores da noção de identidade nacional, em vez de apontarem fundamentalmente para uma palavra final sobre a questão nacional, são sempre construídos com base na textualização de traços de um determinado perfil identitário. Isso é verdade, sobretudo, se pensarmos nas diversas manifestações de respostas, de acordo com o circunstanciamento histórico da produção dos dizeres, para as questões *quem* e como *somos*. Octavio Souza (1994), ao estudar a questão da identidade nacional como uma elaboração histórica alcançada nas relações entre as diferenças, ressaltou que

quando for o caso de nos determos no aspecto coletivo da questão da identidade nacional, o termo “identidade” poderá vir a sofrer, a despeito da insistência sintomática da tradição, uma certa refração, passando a significar, quando em seu aspecto radical, antes o traço identificatório de um ideal do ego nacional (...) (SOUZA, 1994, p. 13).

Nessa medida, a impossibilidade da demarcação de um aspecto coletivo que cesse a demanda sobre o suposto delineamento de uma identidade nacional assegura a contínua (re)construção de explicações sobre o ideal identitário. Essas explicações, por sua vez, se tornam *grandes narrativas* partilhadas e partilháveis sob a forma de mitos (explicações momentâneas). Conforme Marilena Chaui (2001, p. 9), a (re)construção de explicações momentâneas estabelecem

um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela.

Essa concepção de mito destacada por Chaui (2001) nos possibilita pensar em um passado que escapa ao domínio do sujeito, cuja consequência é a manifestação de possíveis versões sobre a busca pela origem. Não por acaso, o mito representaria uma forma de expressão de feitos lendários de um povo, a partir do qual a rede de sentidos ganharia cada vez mais estabilização na cultura e, desse modo, os sujeitos (des)identificariam com aspectos de tal rede, a ponto de desencadear involuntariamente os processos de subjetivação. Carmem Backes (2000, p. 21) sintetizou a concepção de mito da seguinte maneira:

mito como idéia de narrativa e que exprime, portanto, de forma imaginária, as relações básicas que caracterizam o modo de ser humano em determinado momento histórico. O mito trata de uma questão em andamento para o sujeito que vai ser retécida por ele numa construção própria, a partir de elementos fornecidos pela cultura e por sua história.

Ainda para ela, tal concepção diz respeito a uma narrativa pessoal impregnada por elementos que nos remetem à construção do mito de origem; elementos que são passíveis de serem captados a partir do domínio específico das formulações languageiras. Essa noção de mito proposta por Backes (2000) nos interessa bastante na orientação teórica deste trabalho, pois está estreitamente relacionada com o enfoque da questão da identidade nacional, mais especificamente com a questão sobre *o que é ser brasileiro?*. No caso, trata-se do mito do descobrimento do Brasil, sendo-o “padrão para pensar o efeito imaginário que a cena do descobrimento traz e que é sempre reiterado; ou seja, a cena originária sempre retorna como imagem paradigmática” (BACKES, 2000, p. 21).

Assim, dada a (im)potência do efeito de unidade em extirpar o diverso, percebemos que o processo de construção (inclusive o de atualização) de narrativas míticas é marcado pela tensão advinda da heterogeneidade de “traços identificatórios de um ideal do ego nacional” (SOUZA, 1994, p. 13). Contudo, cumpre destacar, uma vez mais, que tal processo é afetado fortemente por um *efeito* que nos permite pensar na sensação de uma unidade ou de uma identidade. Isto é, a partir da prevalência desse *efeito* em tal processo, notamos a extração de um determinado traço da série de tantos outros para promover presumivelmente uma representação homogênea; uma explicação que supostamente projetaria a opinião de todos.

A partir dessas breves considerações acerca da noção de identidade nacional, é possível notar que, quanto ao caso do Brasil, a (re)formulação dos critérios sobre a questão da identidade nacional circunscreveu uma vertente de elaboração marcada pela (re)construção de características psicológicas ou físicas sobre o brasileiro, conforme os efeitos da orientação histórica. Desse modo, a constante (re)construção de especificidades sobre o “caráter nacional” brasileiro adquiriu feições sob o termo *brasilidade*. Mais: a (re)invenção da *nação brasileira* (e de tantas outras nações) se mostrou fundamentada em fortes traços culturais referentes à língua, às crenças religiosas, ao território, às etnias, entre outros; aspectos desencadeadores de um pertencimento nacional em proveito dos aspectos estrangeiros. Se consultarmos, por exemplo, a periodização ponderada por Eric Hobsbawm (1990 *apud* CHAUI, 2001, p. 16), veremos a classificação de alguns desdobramentos da (re)invenção da nação (não especificamente brasileira), segundo o circunstanciamento histórico de construção dos aspectos a pouco mencionados. Vejamos textualmente a periodização:

podemos datar o aparecimento de “nação” no vocabulário político na altura de 1830, e seguir suas mudanças em três etapas: de 1830 a 1880, fala-se em “princípio da nacionalidade”; de 1880 a 1918, fala-se em “idéia nacional”; e de 1918 aos anos de 1950-60, fala-se em “questão nacional”. Nessa periodização, a primeira etapa vincula nação e território, a segunda a articula à língua, à religião e à raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas.

No caso deste estudo, recorreremos a aspectos da materialidade discursiva para mostrar que o funcionamento dos dizeres engendrados pela escrita jornalística em tela se estabelece a partir da (re)organização de memórias discursivas, conforme destacamos na seção anterior. Assim, notamos uma base linguística que materializa as *relações de adjetivações* e de *adverbializações*, as quais sustentam respectivamente a produção da “invencibilidade” sobre Senna e o acirramento dessa produção. Como observaremos nas análises, essas relações se constituem na materialidade linguística por meio da manifestação de variados adjetivos e advérbios.

Nessa perspectiva, a seleção e o recorte das seqüências discursivas que serão analisadas se orientaram, conforme nosso gesto de leitura sobre os textos mobilizados, pelo jogo de imagens entre jornalista, suposto leitor e objeto discursivo. É a partir da dinâmica desse jogo que daremos destaque às relações de adjetivações e de adverbializações. Passemos às análises de modo muito breve.

3 Discursivizações sobre Ayrton Senna:

A reportagem, considerada como especial pela Revista Veja, com chamada de capa, cuja manchete foi: *Senna – Um herói e seus enigmas*, tematiza o comportamento hostil de Ayrton Senna para com seus colegas de automobilismo e as atitudes impulsivas dele tanto nas ultrapassagens durante as corridas quanto em suas declarações, como, por exemplo, a afirmação categórica de que os resultados do campeonato mundial de 1989 foram manipulados por Jean Marie Belestre, presidente na

época da Federação Internacional de Automobilismo Esportivo – FISA. Vejamos a seqüência discursiva (1) que destaca a afirmação de Senna:

(1) (...) “Não posso explicar outra coisa além do que se viu: **a grande manipulação do campeonato de 1989.**”

(Reportagem da Revista Veja, 21 de fevereiro de 1990, p. 54)

Na reportagem, esse embate entre Senna e o presidente da FISA é discursivizado com uma tendência que constrói uma imagem de homem hostil (hostilidade no sentido de verdadeiro, que não aceita injustiças) sobre Senna. Uma imagem que, ao longo da reportagem, expressa o ideal de uma vida transparente, coerente e, sobretudo, condizente com as crenças religiosas (seqüência discursiva 2). Eis a seqüência discursiva (2):

(2) (...) Ele é um **superdotado** que gosta de ficar no quarto lendo a Bíblia e que nunca se aproxima de bebidas alcoólicas, baralhos ou mesas de sinuca.

(Reportagem da Revista Veja, 21 de fevereiro de 1990, p. 59)

Nessa seqüência discursiva, observamos o modo de funcionamento da *relação de adjetivação* a partir da palavra “superdotado”. Trata-se, portanto, de uma relação que marca, na materialidade linguística, um vínculo discursivo com a construção da imagem ideal sobre Senna. Um brasileiro que é “dotado de inteligência superior à média”, de acordo com a reportagem.

Assim, Senna unia valores que estavam supostos no ideal de homem brasileiro. Vejamos a seqüência discursiva (3):

(3) (...) “Por **questão de princípio**, para preservar minha **integridade de homem**, recusei de imediato. Dessa forma não haveria negociação” (...) “Vou viver com a certeza de que **agi corretamente**”.

(Reportagem da Revista Veja, 21 de fevereiro de 1990, p. 55)

Essa seqüência discursiva retrata os dizeres do próprio Senna e que na reportagem são marcados com aspas (dizer que atravessa e que constitui, no interior da reportagem, “um discurso outro que se *associa* ao discurso que está se fazendo, impondo-se a ele pelo jogo de forças e de associações que atravessam o campo interdiscursivo global em que se produz o discurso”¹ AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 27). Retomando Agustini (2007), essa “associação” entre dizeres, dado o modo de constituição, se manifesta via *dobra parafrástica denegativa*. Ou seja: para que um dizer se inscreva na sequencialidade discursiva, observamos que seu estatuto de irrupção se estabelece de uma forma e não de outra pelo fato de os critérios subjetivos serem como filtros para o domínio dos sentidos. Nesse ponto, podemos ressaltar que a noção de *afetamento* é bastante plausível, pois se *algo* “ecoa” (Cf. AGUSTINI, 2007) no intradiscorso é porque houve afetamento pelo “dizer exterior”. Nessa medida, as aspas marcam um já-dito pelo próprio Senna. Portanto, uma intersecção do já-dito com o dito, um deslizamento de um dizer em outro.

¹ Grifos da autora.

No material discursivo (intitulado *Ayrton Senna*), percebemos que a imagem de piloto invencível sobre Senna é construída (ou ratificada), pela jornalista Marleine Cohen, com base em uma ilusão de que as qualidades que ela atribui a ele são capazes de designá-lo de modo inequívoco. Por isso, o atravessamento, ao longo do texto, de uma série de adjetivações e de dizeres que, discursivamente, nos remetem ao modo científico, astronômico e religioso da relação com os sentidos. Eis, abaixo, uma seqüência discursiva em que é possível notar a designação de Senna como um “corpo luminoso” (relação de adjetivação), isto é, um corpo que tem propriedades intrínsecas de brilho. Logo, a construção e a exaltação do efeito de que Senna é um “corpo” a ser contemplado e admirado, com uma carreira reconhecida e registrada em um Catálogo Internacional de Astronomia (efeito de credibilidade sobre a imagem de Senna).

(4) Não se trata de metáfora: é a 52942 – 1502, **corpo luminoso** no céu do Hemisfério Norte – de São Paulo para cima – que a *International Star Registry* cunhou com o nome de Ayrton Senna para presentear a família e incluiu no Catálogo Internacional de Astronomia.

(Marleine Cohen, Material Discursivo – Biblioteca Época, 2006, p. 109)

Ao longo do texto que consta no material, percebemos a tentativa da jornalista de construir uma interface entre a trajetória de vida de Senna (sobretudo a trajetória profissional) e a imagem da nação como uma narrativa contínua (Cf. BHABHA, 1990). O que nos chama a atenção é o modo como ela discursivizou o acidente em que Senna morreu. Ela descreveu, minuciosamente, os momentos que antecederam o acidente, ressaltando que se tratava de uma falha técnica do carro de Senna. Aqui, uma tendência do imaginário em atribuir sentido aos acontecimentos.

Em suma, é de fundamental importância mencionar o quanto a construção (e, sobretudo, a consolidação) do mito da invencibilidade do Brasil – Ayrton Senna – foi influenciada por atravessamento de dizeres que insinuaram um efeito da validação dos êxitos diferenciados de Senna, bem como um efeito de registro seja nos anais seja no Catálogo Internacional de Astronomia. Uma tentativa de sustentar simbolicamente a imagem de piloto invencível, apesar do acontecimento da morte. Portanto, tornar as discursivizações sobre ele indelévels. Vejamos a última seqüência discursiva:

(5) (...) enquanto, **nos anais da F-1**, Senna cravava 65 *pole positions*, 41 vitórias e 38 voltas olímpicas com a bandeira do Brasil tremulando ao vento.

(Marleine Cohen, Material Discursivo – Biblioteca Época, 2006, p. 23)

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS E BIBLIOGRÁFICAS

AGUSTINI, Carmem. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. In: INDURSKY, F, & FERREIRA, M. C. *Análise do Discurso no Brasil – mapeando conceitos, confrontando idéias*. São Carlos, Claraluz: 2007. p. 303-312.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. Trad. Francisco Franke Settineri. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 34. n. 2. junho. p. 7-30. 1999.

BACKES, Carmen. *O que é ser brasileiro?* São Paulo: Escuta, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. 4. ed.

COHEN, Marleine. *Ayrton Senna*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

Reportagem da Revista Veja, 21 de fevereiro de 1990.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. As identificações em busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994.